

OS DIFERENTES SENTIDOS DE SER CRIANÇA E TER INFÂNCIA SOB A PERSPECTIVA DE EDUCADORAS DE UMA PRÉ-ESCOLA NO SERTÃO ALAGOANO

Ana Paula dos Santos; Laíse Soares Lima

Universidade Federal de Alagoas, apaulaufal.2014@gmail.com

Universidade Estadual da Bahia, laisesoareslima@hotmail.com

Resumo: O presente estudo se trata de um recorte de uma pesquisa já concluída para um Trabalho de Conclusão de Curso, que teve como objetivo principal analisar as diferentes concepções de infância e criança das educadoras de uma pré-escola no Município de Pariconha, no Sertão de Alagoas, reconhecendo de que maneira essas perspectivas estão presentes nas práticas cotidianas desenvolvidas na Educação Infantil. A pesquisa se insere nos estudos da Sociologia da Infância, por considerar as crianças enquanto sujeitos históricos, sociais e culturais, ativos e participativos na sociedade. De tal modo, considera como o trabalho e a valorização das múltiplas linguagens podem ser essenciais para o desenvolvimento integral da infância. Foi realizado, portanto, uma pesquisa de abordagem qualitativa, com enfoque no estudo de caso, tendo como principais instrumentos para a construção dos dados: questionário, observação não participante, diário de campo e diferentes registros fotográficos. De acordo com a realidade investigada, pode-se notar que as concepções de infância das professoras se encontram limitadas por teorias psicologizantes do desenvolvimento, desconsiderando os parâmetros sociais que interferem de forma direta em sua construção. Sendo, de tal modo, atribuído a criança a característica de passividade e dependência, incapaz de realizar criticidade frente às ideias, teorias e questionamentos dos adultos.

Palavras-chave: Crianças e Infâncias; Educação Infantil; Prática Docente.

1.Introdução

Este trabalho surge de inquietações advindas de experiências vivenciadas durante o curso de graduação em pedagogia, na Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão. Em pesquisas realizadas nas disciplinas de fundamentos e saberes da Educação Infantil, tornava-se evidente a necessidade de se pensar sobre os conceitos que alguns educadores possuem sobre infância e criança, e como tais conceitos estão presentes em suas práticas cotidianas com as crianças.

Tendo em vista a problemática anteriormente respaldada, a presente pesquisa tem como objetivo principal analisar as concepções de infância e criança das educadoras de uma pré-escola no Município de Pariconha, no Sertão de Alagoas, reconhecendo de que maneira essas perspectivas estão presentes nas práticas cotidianas desenvolvidas na Educação Infantil.

Para atingir determinados fins, foi realizado um estudo de caso, de abordagem qualitativa, tendo como instrumentos para construção de dados: questionário, observação não participante e diário de campo. O que possibilitou um maior conhecimento tanto do campo em que foi realizada quanto no que se refere ao objeto de estudo.

O presente estudo tem como fundamentação as teorias sociológicas que consideram a infância enquanto categoria que é parte integrante da estrutura social, tendo a criança enquanto agente ativo e produtor de cultura (SARMENTO, 2005; QVORTUP, 2010; CORSARO, 2011). Desse modo, as crianças são reconhecidas enquanto atores sociais ativos, históricos, de direitos, competentes, protagonistas e que desde bebês interagem com o mundo a partir de diferentes linguagens (LIMA, 2017; AQUINO, 2009; BERLE, RICHTER, 2015).

Dessa forma, as crianças não são aprendizes passivos da cultura a sua volta, mas, sujeitos que participam das rotinas culturais que lhes são oferecidas ou impostas pelo seu ambiente social e, dessa forma, tanto se apropriam quanto reinterpretem seus elementos (CORSARO, 2011). Assim, as crianças formam uma categoria não de sujeitos passivos que apenas incorporam a cultura adulta na qual lhe é imposta, mas, de sujeitos ativos, que possuem singularidades, que têm seu papel social e que interagem com o mundo criando formas próprias de ação e compreensão sobre a realidade

Visa-se a partir desse trabalho contribuir com a ampliação do olhar docente sobre os diferentes conceitos de infância e criança, de maneira a ressaltar a importância de considerá-las nas interações e planejamento das ações a serem desenvolvidas com elas e para elas nas instituições de Educação Infantil.

2. Metodologia

Esta pesquisa se insere nos estudos de abordagem qualitativa, tendo como foco principal a exploração do conjunto de opiniões e representações sociais sobre o tema a ser investigado (GOMES, 2012). Esse tipo de pesquisa nos possibilitou a partir dos discursos apresentados pelas professoras, perceber como concebem em seus conceitos o que venha a se constituir enquanto infância e criança.

À vista disso, foi realizada uma pesquisa de campo, para que, nos fosse possível uma interação significativa com os “atores” que se encontram e que constituem a realidade na qual o fenômeno a ser investigado faz parte (MINAYO, 2012). Trata-se, portanto, de um estudo de caso, visto que nos possibilita o conhecimento, a interpretação e a análise de uma realidade específica a ser investigada (OLIVEIRA, 2012). Esse método proporcionou a construção de olhares e conhecimentos mais aprofundados no que concerne ao objeto de estudo.

A referente pesquisa, foi realizada em uma escola municipal localizada na Zona Rural do Município de Pariconha – AL, com duas professoras responsáveis por uma turma de Pré I e uma professora responsável por uma turma de pré II, na qual serão chamadas de acordo com o desenvolver desse trabalho, por meio de pseudônimos escolhidos por elas durante a

realização da pesquisa. Por isso, denominaremos de Marta, a professora regente do pré I; Julia, a professora auxiliar do pré I; e Alícia, a professora regente do pré II.

Tendo em vista o objetivo a ser atingido, utilizou-se como instrumentos norteadores da pesquisa: o questionário, a observação, o diário de campo e registros fotográficos.

O questionário se constituiu enquanto o nosso primeiro instrumento para construção de dados. Buscamos por meio dele, compreender quais as concepções que as professoras possuíam sobre os conceitos de infância e criança.

Em seguida, foi feita a observação. Enquanto o questionário foi aplicado às professoras responsáveis pelas turmas de pré I e II, a observação foi realizada em apenas uma dessas salas, neste caso, na sala do pré II, de maneira não participante, dentro de um período de 16 dias.

Esse instrumento, aliado ao questionário anteriormente aplicado, nos possibilitou ampliar o nosso conhecimento sobre o que venha a se constituir os conceitos de infância e criança, além de nos trazer a percepção de como eles estão intrínsecos às nossas práticas cotidianas desenvolvidas no ambiente da Educação Infantil.

Por fim, todas as informações construídas foram registradas em diário de campo. Além dos escritos em diário, foram feitos registros fotográficos da professora responsável pela turma e das crianças, durante as atividades e ações desenvolvidas por ambas em diferentes momentos.

Após a sua construção, os dados foram selecionados de acordo com os conteúdos apresentados e com nosso objetivo, de maneira a buscar atingi-lo à luz das teorias que nortearam a pesquisa. Em seguida, foram organizados em uma categoria para análise apresentada na próxima seção desse trabalho.

3.Resultados e discussão

Diante de diferentes concepções sobre infância e criança historicamente construídas, reconhecemos a ideia de infância enquanto a que não se encontra unicamente vinculada à faixa etária ou uma etapa psicológica do desenvolvimento. Mas, por meio dos estudos Sociológicos da Infância, buscamos conceitos que ressignificam e proporcionam um novo olhar a essas atribuições:

[...] portanto, a concepção de criança e infância na qual acreditamos é a de que ela é um ser histórico, social e político, que encontra nos outros, parâmetros e informações que lhe permitem formular, questionar, construir e reconstruir espaços que as cercam. Apostamos numa concepção que não se

fixa num único modelo, que está aberta à diversidade e à multiplicidade que são próprias do ser humano (KRAMER, 1999, p.277. apud. MAIA, 2012, p. 3132).

À vista disso, torna-se complexo um discurso homogêneo sobre o que venha a ser infância e criança, pois se a infância é construída histórica e socialmente, há fatores que a dependem do tempo, espaço, do contexto e de suas especificidades, como diferentes classes sociais, gênero e etnias, contribuem diretamente em sua construção. Por isso, “não existe um único e universal sentido para a infância e que ela deve ser considerada em sua pluralidade” (OLIVEIRA, 2014, p.33).

Nesse sentido, consideramos de suma importância não somente ressaltar a que tipo de infância e criança estamos nos referindo, mas tentar compreender quais conceitos possuem as educadoras e como eles acabam permeando em algumas práticas cotidianas na Educação Infantil. Acerca dessas inquietações obtivemos as seguintes respostas:

A infância é um período de aprendizagem, uma fase de grandes descobertas para criança, mas também de momentos felizes (Questionário – Professora Júlia).

A infância é um momento muito especial na vida de todas as crianças, mas nem todas têm esse privilégio (Questionário – Professora Alícia).

É a idade da descoberta desse mundo infantil as vezes imaginário dentro de cada uma, temos que ter uma visão para compreendê-las em diversas linguagens no convívio do dia a dia juntos para entendê-las em todos os sentidos (Questionário – Professora Marta).

Podemos perceber nas falas das professoras uma visão bem marcada por teorias de desenvolvimento infantil, quando atribuem referência à infância enquanto período de aprendizagem, fase da vida ou tempo cronológico, partindo de uma perspectiva linear do processo de desenvolvimento. Dentro dessa esfera argumentativa, a infância é reconhecida como período que abarca um conjunto de estágios de desenvolvimento e que trazem uma visão da infância enquanto uma etapa preparatória para a vida adulta. Essa visão acaba excluindo as crianças de uma participação social plena, tendo como justificativa sua natureza ou seu estado de imaturidade frente ao adulto (CORSARO, 2011; LIBARDI, 2017).

Os estudos sociológicos da infância, trazem uma crítica a essas concepções, por desconsiderarem outras dimensões ou parâmetros que atravessam o conceito de infância e que não podem ser vistos de maneira isolada. Tais parâmetros podem ser: econômicos, políticos, sociais, culturais, tecnológicos e etc.; e são constituídos de valores que são modificados de

acordo com a história e a sociedade (CORSARO, 2011; QVORTRUP, 2011). Assim, considerar esses parâmetros estruturais sociais nos proporciona uma compreensão mais ampla no que diz respeito ao conceito de infância, visto que nos possibilitam uma melhor descrição, explicação e interpretação das circunstâncias de vida das crianças.

Refletir sobre a infância enquanto categoria social, constituída de diversas variáveis, nos preserva de uma visão idealizada do que seja a infância. Comumente, ouvimos discursos contundentes com os das professoras Alícia e Júlia, ao se referirem à infância “enquanto um momento especial” ou “um momento feliz na vida das crianças”, construindo um conceito, de certo modo, idealizado sobre o que venha a ser a infância. Isso, encontra-se de tal forma internalizado em alguns adultos, que muitas vezes, costumam pontuar que “nem todas possuem esse privilégio”, como nos traz a professora Alícia.

Compreendemos que essa afirmativa parte do pressuposto de que nem todas as crianças dispõem de condições adequadas de vida e se encontram muitas vezes inseridas em um contexto ancorado em condições precárias de sobrevivência. Mas, isso não quer dizer que a criança não tenha infância, visto que a condição da infância é intrínseca à criança. Diante disso, “a questão central não é se a criança teve/tem infância, mas de compreendermos que a infância a criança vivenciou/vivencia” (MAIA, 2012, p.22).

Desse modo, pode-se afirmar que existem fatores sociais e econômicos que, a depender de como as crianças reajam, interferem em suas vivências ou experiências, o que não significa dizer que pelo fato de algumas delas estarem condicionadas a condições desfavoráveis de vida não tenham infância.

Assim, consideramos que a infância é uma condição atribuída à criança e que possibilita a interação dessa criança com o mundo real, não um “mundo infantil às vezes imaginário” como disse a professora Marta. Para tanto, é a partir do contato com a realidade que as crianças “se desenvolvem, participam de um processo social, cultural e histórico, apropriam-se de valores e comportamentos próprios de seu tempo e lugar [...]” (MAIA, 2012, p. 22). E são esses fatores que precisam ser considerados ao discutirmos sobre a categoria infância.

Como podemos perceber, na Sociologia da Infância há trabalhos que contribuem com uma ressignificação do conceito de infância enquanto construção social e cultural e dentro dessa perspectiva a criança se encontra enquanto “ator social que constrói a sua história pelas vivências e interações estabelecidas em seu meio social” (OLIVEIRA, 2014, p. 32). Os estudos nessa corrente científica visam contribuir com a compreensão de como essas crianças vivem, pensam, e se apresentam ativamente nos seus modos de ser e habitar o mundo, por sua

observação e participação dentro da sociedade, na produção de suas culturas e expressões.

Considerando que é de suma importância que o docente conheça as subjetividades do ser criança, para que desenvolva uma prática voltada para o seu desenvolvimento, questionamos as professoras sobre seus conceitos de criança. Obtivemos estas proposições:

É um ser dotado de particularidades e cuidados especiais, principalmente os mais pequeninos procurando sempre entender esse mundo que convive desde cedo (Questionário – Marta).

Ser criança é viver sem preocupação, é brincar, é compartilhar alegria e dividir sorrisos (Questionário – Júlia).

Ser criança é bom demais. Ela brinca, faz coisa sem pensar e para ela tudo está bom (Questionário – Alícia).

Tanto na fala da professora Júlia quanto da professora Alícia, podemos perceber uma visão romantizada ou até mesmo idealizada sobre o conceito de criança, ao utilizarem os seguintes discursos: “ser criança é viver sem preocupação” “é compartilhar alegria e dividir sorrisos” “ser criança é bom demais”. Essas visões idealizadas ou estereotipadas em torno do que vem a caracterizar às crianças precisam ser substituídas por uma visão em que se considere a criança concreta, construtora de história, que faz parte de determinada realidade social e cultural (MAIA, 2012). Esse olhar sobre a criança nos faz considerá-la como um ser que está inserido em determinado tempo histórico, que faz parte de uma cultura e que tem o seu desenvolvimento condicionado por fatores sociais, políticos ou econômicos que atuam diretamente sobre ela.

Na perspectiva de Corsaro (2011), essas crianças contribuem ativamente com a sociedade em que estão inseridas, afetando e sendo afetadas por ela. Nessa esfera argumentativa, a criança não é considerada enquanto um ser passivo “que faz coisas sem pensar” ou que para ela “tudo está bom” como afirma a professora Alícia. Por isso, atribuir essa concepção às crianças, seria tirá-las do seu lugar de “coconstrutoras ativas de seus mundos sociais” (CORSARO, 2011, p.52). E conceber a elas o lugar de passividade, de pouca criticidade, de aceitação e incorporação das normas culturais estabelecidas pelos adultos, desconsiderando seus desejos, necessidades e particularidades.

No que se refere a essa concepção do ser criança da professora Alícia, pudemos perceber durante o período de observação, que o seu conceito por vezes se relacionava com a prática docente em sala, porém, em outros momentos se estabelecia um distanciamento entre o seu discurso e as suas ações. Os momentos de roda de conversa marcavam bem essa

dualidade em que, por um momento, a professora possibilitava às crianças questionarem, exporem suas opiniões e se expressarem, fazendo-nos perceber que mesmo proferindo em seu discurso que a criança “faz coisas sem pensar” ela considerava essa criança pensante. Já em outros momentos ela reprimia essas crianças, desconsiderando suas reflexões sobre as temáticas abordadas nas discussões. Em se tratando dessa dualidade observamos a seguinte situação:

Dando procedimento aos conteúdos referentes ao corpo humano, na roda de conversa o tema da vez foi saúde e higiene pessoal. Uma das crianças se empolga e resolve debater junto à professora sobre o assunto, mas, segundo a professora, a criança “falava demais”, por isso, acabou sendo expulsa da roda e proibida de falar algumas coisas. Por isso, a criança volta à sua cadeira, coloca a cabeça sobre a mesa e se põe a chorar. Logo depois, tenta negociar com a professora, prometendo ficar calada contanto que continuasse na roda, porém, a professora não quis acordo. Situação totalmente contrária à das demais crianças que permaneceram na roda, essas foram mantidas livres para se expressarem na medida em que quisessem (DIÁRIO DE CAMPO, 31/07/2017).

Com isso, percebemos que em alguns momentos, os conhecimentos pré-concebidos e as diferentes formas de pensar das crianças eram contempladas na medida em que dialogavam com as ideias formadas da professora. Quando acontecia um percurso inverso, a consequência se tornava desfavorável, especialmente, para as crianças. Consideramos que, essas experiências quando vivenciadas no contexto da Educação Infantil, retiram das crianças o seu direito à liberdade de expressão, de pensamentos, opiniões, ideias e questionamentos, não abrindo espaço para as manifestações das falas e das diferentes linguagens que permeiam esses locais, interferindo de maneira negativa em seus processos de aprendizagem.

Em outros momentos era perceptível uma tentativa de imposição de normas e valores cristãos às crianças. Em uma sequência didática realizada em sala referente aos diferentes tipos de animais, a professora utiliza a leitura da história da “Arca de Noé”, uma história de referência bíblica de um homem que por obedecer a Deus, foi salvo de um dilúvio junto à sua família e os animais. A partir disso, a professora questionou as crianças os tipos e as características dos diferentes animais citados na história. Porém:

A reflexão em torno da história se tornou muito voltada à fé cristã. Visto que, no decorrer da reflexão acerca da história, a professora debatia sobre os animais, trazendo a questão de que há animais “machos” e “fêmeas” da mesma forma de que há somente o homem e a mulher. Relacionando que, da mesma forma que os animais “machos” e “fêmeas” ao se entrelaçarem reproduzem outros animais, o homem e a mulher quando se unem

reproduzem novas crianças, e que por isso a família só pode ser composta pelo homem e pela mulher, porque juntos podem gerar filhos (DIÁRIO DE CAMPO, 14/07/2017).

A postura da professora em relação a essa discussão e a algumas outras feitas em sala, impossibilitava as crianças de fazerem inferências sobre o que estava sendo dito, na maioria das vezes, apenas concordavam com o que a professora falava, visto que se discordassem ou questionassem eram desconsideradas. Em contrapartida, a professora, Marta, traz a criança enquanto um ser que possui particularidades e que busca desde cedo compreender o mundo em que habita. Essa afirmativa nos faz pensar na criança enquanto um ser que possui características peculiares que as diferem dos adultos, e enquanto seres particulares, pensam e buscam compreender o mundo a sua volta de uma forma própria. Desse modo:

Nas interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhe são próximas e com o meio que as circunda, as crianças revelam seu esforço para compreender o mundo em que vivem, as relações contraditórias que presenciam, e por meio das brincadeiras, explicitam as condições de vida a que estão submetidas e seus anseios de desejos. No processo de construção do conhecimento, as crianças se utilizam das mais diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de terem ideias e hipóteses originais sobre aquilo que buscam desvendar (BRASIL, 1998, p.21).

Podemos, a partir dessa colocação, constatar que é na interação das crianças com o seu meio que ela constrói seu conhecimento utilizando diferentes linguagens no decorrer desse processo. Corsaro (2011), em seu conceito de reprodução interpretativa, faz ênfase à linguagem enquanto ferramenta que possibilita às crianças sua participação na cultura dentro de um sistema simbólico que permite que elas compreendam as estruturas que a compõem por meio de um processo de criação, produção e ressignificação de cultura, a partir da interação que estabelece com seus pares, promovendo sua participação no cumprimento das rotinas demandadas por sua vida social.

Entretanto, essa capacidade comunicativa e linguageira das crianças foi pouco mencionada nos conceitos trazidos pelas professoras, mostrando como se faz preciso repensar o que conhecemos sobre as crianças. Apenas a professora Marta, quando ainda se referia ao conceito de infância, ressalta a necessidade de se compreender as crianças em suas diversas linguagens expressas no cotidiano e na coletividade do âmbito escolar. Tal situação nos faz refletir que, se desconsiderarmos as crianças enquanto participantes sociais ativas, nas suas diferentes formas de expressões e interações, obteremos uma grande probabilidade de que

essas crianças não tenham suas vozes ouvidas ou sejam silenciadas dentro das instituições de Educação Infantil.

Com isso, percebemos a necessidade de reconhecer a criança enquanto um sujeito que possui singularidades, ativo, participante, envolvido, curioso, inventivo, autônomo e que exprime diferentes formas de pensar e agir dentro da sociedade, a partir das interações que estabelecem entre elas e com os outros, permeadas por linguagens diversas. Torna-se, então, importante que a partir dessa compreensão em torno das crianças, seus jeitos particulares de habitar e pensar o mundo, na busca de compreender suas falas e na escuta das suas vozes possamos desenvolver um trabalho pedagógico voltado à essas crianças e suas necessidades.

CONCLUSÕES

Esse estudo de caso, nos possibilitou algumas compreensões a partir das contribuições significativas das professoras por meio das suas falas e atitudes em sala. Com isso, o estudo de uma realidade específica nos possibilitou uma visão mais aprofundada sobre o objeto de estudo. Porém, vale ressaltar que não tratamos de verdades absolutas e os discursos teóricos e práticas observadas se diferenciam a depender dos sujeitos e da realidade em que estão imersas as instituições de Educação Infantil.

Desse modo, sobre os conceitos de infância abordados pelas professoras, percebemos uma visão voltada para as teorias psicologizantes do desenvolvimento. O que nos mostrou um olhar limitado em relação a infância, visto que desconsidera a infância real, situada em contextos específicos e formada por parâmetros e variáveis sociais diversas. Contudo, ressaltamos que não desconsideramos efetivamente tais teorias, todavia, elas não contemplam a heterogeneidade ou diversidades de infâncias, contribuindo para uma visão homogênea do que venha a constitui-la, desconsiderando sua pluralidade.

Em relação aos conceitos de criança das professoras Marta e Júlia, foi perceptível uma visão romantizada do que venha a ser criança. Entretanto, especificamente no discurso apresentado pela professora Alcília, encontramos a concepção de uma criança passiva, pouco crítica, encontrada com um determinado grau de imaturidade frente as ideias, questionamentos e ações dos adultos. Essa percepção da professora por vezes foi de encontro a sua prática, nos mostrando em algumas atividades a repreensão da expressividade infantil, especialmente, nos momentos de rodas de conversa.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Ligia Maria Leão de. Linguagens na Educação Infantil. Coisas desimportantes de transver o mundo. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. 17º COLE, 2009, Campinas. **Anais do Congresso de Leitura do Brasil**. Campinas: UNICAMP, 2009. v. 1, p. 1-12.

BERLE, Simone; RICHTER, Sandra Regina Simonis. Começar-se no mundo: entre infâncias e linguagem. **Revista Eventos Pedagógicos: Educação de 0 a 3 anos em espaços de vida coletiva** v. 6, n. 3, p. 132-154, ago./out. 2015, p.132-154.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. **Diário Oficial da União**, Senado, Brasília, DF, 09/12/2009. Seção 1. p. 18.

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011. 384 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: _____; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 31. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 9-29.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: _____; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 31. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 79-106.

LIBARDI, Suzana Santos. A construção da infância, a criança como o aprendiz e a tessitura da proteção. In: **A proteção da infância e as relações intergeracionais a partir da perspectiva dos adultos**. 2016. 266 f. Tese (Doutorado em psicologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006, p. 22-66.

LIMA, Laíse Soares. **Linguagens da infância na perspectiva de educadores de creche: o que revelam as narrativas**. 2017. 170 f. Dissertação (Mestrado em Educação) -Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017.

MAIA, Janaina Nogueira. **Concepções de criança, infância e educação dos professores de Educação Infantil**. 2012. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2012.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

QVORTRUP, Jens. A infância enquanto categoria estrutural. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.36, n.2, p.631-643, Maio/Ago, 2010.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, Maio/Ago, 2005.